

Literatura e Autoritarismo

Literatura, Autoritarismo e Violência no Brasil do Período Colonial

ISSN 1679-849X

Dossiê nº 11

APRESENTAÇÃO

Os leitores deste volume da *Revista Literatura e Autoritarismo* talvez tenham uma expectativa ao se defrontar com o título do Dossiê inicialmente proposto – Literatura, Autoritarismo e Violência no Brasil do Período Colonial. Na qualidade de editores, também tínhamos uma expectativa ao lançar a chamada, que propunha a recepção de contribuições que tratassem do assunto sob a mais variada gama de abordagens, observando sempre o objeto literário como ponto de partida. Não só a questão colonial estava em tela, com possível discussão da teoria pós-colonial, até mesmo no seu espaço de manifestação em relação à antiga metrópole, mas também o conjunto de mentalidades que norteou a exploração da terra brasileira, as relações com a Igreja Católica e os momentos de grave dificuldade de compreensão do contexto imperialista de dominação da terra (particularmente na vida de brasileiros em Portugal). A proposição era que os artigos discutissem a vida cotidiana da colônia, os ideais de vida terrena e de salvação religiosa, os procedimentos de regulação dos comportamentos dos mazombos, dos índios e dos escravos. Também era de especial interesse a abordagem de textos românticos que idealizaram um país heroico e ético e que revelassem em si os paradoxos de uma vida permeada pelo autoritarismo e pela violência, onde caberia, ainda, o estudo de gênero e também da afrobrasilidade.

Respeitando os prazos estabelecidos para a recepção das colaborações, recebemos poucas, o que, não negamos, de início nos frustrou. Muitas hipóteses sobre esse fato nos vieram à mente: uma interpretação histórica mais alargada do que foi o período colonial e o Brasil Império, já liberto do jugo português; um possível descaso, por parte dos cursos de graduação e de pós-graduação em Letras, para com a literatura praticada no Brasil Colonial; a falta de suporte teórico para apreciar com qualidade metodológica os textos literários coloniais; a sedução exercida pela aparente facilidade com que se pode falar daquilo que é contemporâneo a nós. Enfim, pensamos, inclusive, nos termos com que elaboramos a chamada e na incompreensão do que foi escrito. Ao final, chegamos à conclusão de que todas as hipóteses lançadas são possíveis e aceitamos o desafio de trabalhar com o material que nos foi remetido.

O artigo “Os limites retórico-teológicos no *Sermão Vigésimo Sétimo*, o terceiro da série *Maria Rosa Mística*, de António Vieira”. Com base em um aporte teórico retórico, demonstra-se que no sermão de Vieira convivem, em simbiose, representações seculares – o Império Português e a Igreja Católica – e a representação do absoluto que é Deus, com suas manifestações supostamente registrada nas Sagradas Escrituras.

Em “Uma crônica para Gobineau”, propõe-se a leitura de uma crônica literária do jornalista José Brito Broca sobre o embaixador francês Joseph-Arthur de Gobineau quando de sua passagem pelo Brasil (1869 a 1870), com destaque para o fato de ele ter sido um dos mais significativos teóricos do racismo no

século XIX. É o olhar de Gobineau para os brasileiros que comprova sua visada racista.

“A *mocidade de Trajano*: a representação da violência e do preconceito no Brasil do século XIX” tem como centro de análise o romance *A Mocidade de Trajano*, do Visconde de Taunay, criador de uma obra em que temas como a escravidão e o sofrimento do negro nas fazendas brasileiras são tratados como expoentes da violência e do preconceito, bem como das práticas culturais que marcaram o século XIX no Brasil imperial.

A representação da mulher é analisada em “O espaço de dominação e clausura em *Inocência*, de Visconde de Taunay”, com atenção voltada para a figuração da mulher e os paradoxos que a cercam na obra romântico-realista desse autor.

Branca Dias e seu padecimento sob o Tribunal do Santo Ofício é lembrada no artigo “O jogo de identidades em *O Santo Inquérito*, de Dias Gomes”. Em um contexto de perseguição político-religiosa, os cristãos novos são obrigados a praticar um jogo de encobrimento e de embaralhamento de suas identidades no Brasil colônia, o que estabelece um conflito entre uma identidade que lhes é imputada pelo poder vigente e a identidade que eles carregam consigo, uma mescla entre judaísmo e cristianismo.

Ao fazer uma leitura do romance *A História do Ventriloquo*, da escritora guianense Pauline Melville, em “Representações da espacialidade discursiva das personagens no romance *A História do Ventriloquo*”, o autor utiliza conceitos advindos do multiculturalismo e do pós-colonialismo, tendo como propósito a compreensão das negociações em uma zona de contato da América do Sul, a Guiana. Esse é o único artigo selecionado que não trata de literatura brasileira, porém faz uso do pós-colonialismo como alicerce teórico.

Que os interessados tenham uma boa leitura!

Alamir Aquino Correa
Rosana Cristina Zanelatto Santos
(Organizadores)